

Episódio de *Os Lusíadas*, “Tempestade Marítima”, de Luís de Camões

O mestre tocou o apito para acordar os marinheiros, pois tinha avistado uma nuvem negra que anunciava uma perigosa tempestade. Mandou os homens prepararem o barco para aquilo que se aproximava. Ordenou aos marinheiros que recolhessem as velas.

Ainda não tinham conseguido recolher as velas, quando rebentou o tremendo temporal. Os ventos, fortes, arrasadores, indomáveis e implacáveis, despedaçaram completamente as velas como se o fim do mundo estivesse a chegar. Os gritos dos marinheiros eram absolutamente arrepiantes.

O barco começou a encher-se de água e o mestre gritou que atirassem carga ao mar, para perder peso. Alguns marinheiros começaram a dar à bomba, mas foram derrubados pela força dos ventos e do mar. Três homens, robustos e fortíssimos, não foram suficientes para segurar o leme.

O mais surpreendente era que, apesar da avassaladora tempestade, a frágil embarcação mantinha uma incrível resistência.

A nau de Paulo da Gama, a maior de todas, tinha o mastro partido ao meio e encontrava-se já cheia de água. Os marinheiros, desesperados, começaram a rezar aos céus. Os homens da nau de Nicolau Coelho também gritavam, apavorados, embora esta barca estivesse menos destruída, pois tinham conseguido recolher as velas, antes de os ventos as quebrarem.

Os barcos atingiam o pico das ondas num momento, para, logo de seguida, caírem no fundo do mar, devido à violência das águas provocada pelos ventos fortíssimos, que pareciam querer destruir o mundo.

As aves marinhas refugiavam-se em terra e lamentavam-se com um “choro” aflitivo, enquanto os golfinhos se escondiam nas grutas marítimas, para fugirem da fúria da superfície do mar.

Nunca antes se tinha visto raios e relâmpagos com tamanha capacidade de destruição. A força, o poder e a fúria da tempestade arrancaram as árvores pela raiz e o mar estava tão violento que as areias do fundo foram levantadas até à superfície.

Vasco da Gama, achando que ia morrer tão perto do seu destino, começou a rezar a Deus, perguntando-Lhe por que motivo os tinha abandonado, uma vez que a intenção da viagem era também servi-Lo. Lamentou-se por pensar que iria morrer sem reconhecimento, ao contrário daqueles guerreiros portugueses que, no passado, tinham morrido cheios de glória e se tinham imortalizado pelas grandes vitórias contra os Mouros.

Entretanto, a tempestade continuava tão impiedosa e avassaladora que o céu parecia ir desabar sobre a terra.

Vénus apercebeu-se de que os Portugueses estavam em perigo, por manobras de Baco, e resolveu intervir. Chamou então as ninfas, ordenou-lhes que colocassem as suas grinaldas e seduzissem graciosamente os bravos e furiosos ventos, com intenção de apaziguá-los.

As ninfas desceram dos céus velozmente e, assim que as viram, os poderosíssimos ventos começaram a perder as forças. As ninfas ordenaram-lhes que acalmassem ou jamais se entregariam ao seu amor.

Deste modo, as míticas sedutoras conseguiram acalmar os indomáveis ventos, permitindo que os resistentes Portugueses prosseguissem a sua viagem.

De súbito, os marinheiros avistaram terra.

Finalmente! Tinham chegado a Calecute, terra que tanto tinham desejado.

Vasco da Gama, vendo o seu desejo cumprido, agradeceu a Deus pelo épico sucesso da viagem.

Alunos do 9.ºD

2017/2018